

Postcards from D.C.:

montagem e materialidade para uma vigilância crítica da imagem.

apresentado Foto Arica 2026

dayan de castro

Permitam-me começar com uma pequena história que me ocorreu há alguns dias e que me influenciou a escrever esta fala. Numa conversa entre um professor e um aluno, este último perguntou:

- Quanto tempo dura uma jornada?
- Para te responder, preciso saber um pouco mais, de que jornada estamos falando?
- Esta agora, que está no meio. Falta muito para o final?
- Para te responder, eu teria primeiro que desistir do caminho e só depois anunciar o que falta.

A intenção do aluno era mapear, dar conta de quanto tempo leva um projeto. Em outras palavras, quais são os passos e como se termina. A resposta do mestre caminhava na direção de abraçar a dúvida. Primeiro, um trabalho tem distintas fases, diversas maneiras de apresentação e seu desenvolvimento depende de muitas variáveis. Em outras palavras, não há que buscar certezas onde não há. Essa história traz a linha que gostaria de compartilhar com vocês. As imagens fazem parte de um projeto chamado postcards from D.C., ou seja, postais de Washington D.C., que nasceu da abertura do arquivo de correspondências trocadas entre o embaixador dos Estados Unidos no Brasil e o presidente daquele país nos anos de 1963 e 1964, justamente os anos dos preparativos e do golpe cívico-militar no Brasil.

Aqui eu gostaria que não fosse necessário trazer o contexto brasileiro atual. Porque, infelizmente, o projeto se tornou mais atual do que deveria. Há três semanas houve uma comitiva enviada pelo atual presidente dos Estados Unidos ao Brasil, para avaliar a confiabilidade da urna eletrônica brasileira. Esse envio foi anunciado antes pelo New York Times, o que permitiu ao governo brasileiro frear os diplomatas. As ações se acumulam como uma interferência que, infelizmente, já foi vista e é a base deste projeto. Em ambos os contextos houve um debate enfurecido entre a mentira e a verdade. Entre um lado considerado por alguns como aliado e outro como opositor, mas ambos permanecem firmes em seus ideais. Seguem o discurso de mostrar o que, supostamente, o outro lado não quer que você veja. Esse movimento me parece tedioso. Porque não é que a verdade não exista, mas hoje, é uma categoria pouco operativa. Precisamos falar sobre a recepção dos fatos e também sobre o medo.

É um conhecimento bastante difundido hoje que só possuindo a linguagem, ou seja, a capacidade cognitiva de relacionar, nomear e interrogar elementos, conseguimos desenvolvê-los. Assim me parece fora de lugar a relação entre verdade e mentira, deixando-me outro caminho, da análise sobre como aquele grupo percebe o mundo. Não quero aqui legitimar o absurdo, há fatos sem dúvida. Mas seria tão absurdo como imaginar que a simples contestação faria com que alguém acreditasse que aquela notícia, aquela imagem, é falsa, mesmo quando tal ação esteja fundada na realidade. Uso o verbo crer de propósito, porque pela linguagem e pelo momento em que vivemos, temos cada vez mais atos relacionados ao crer, ou seja, a ter fé. Não é necessário que cada um prove aquilo em que crê, muito pelo contrário, justamente por crer que tal relação passa a ser real. Permitam-me trazer

um exemplo relacionado ao trabalho: eu nasci em 1985, ano que marca, em teoria, o fim do regime militar no Brasil, mas nos meus primeiros anos de escola havia correntes de professores que se referiam ao golpe militar de 1964 como revolução. Essa palavra foi amplamente difundida pelo regime e criou condições para que gerações inteiras a reproduzissem. O fato de que houve um golpe não é discutível, e nem mesmo quem o chama de revolução o nega. A destituição do presidente João Goulart ocorreu em 1º de abril de 1964; o fundamental é que a construção imagética através da palavra deixa claro que ver é uma posição política, um entendimento do mundo, uma cosmovisão. Discutir com quem imagina aquilo como revolução, mesmo junto a outros fatos, debater que aquele horror foi um processo revolucionário, para quem assim crê, seria também ter fé em que, do ponto de vista racional, houvesse tal mudança. Não ocorrerá! E infelizmente no Brasil, e em boa parte do mundo, parece que essa jornada está recomeçando.

Continuo o relato da trajetória com este trabalho. Quando o iniciei, ouvi de muitos, principalmente pessoas mais velhas: para que me meter nesse vespeiro, por que reativar essa relação. Havia e ainda há um medo de falar do período. O medo é fundamental para a vida; não ter medo de nada seria uma inconsciência enorme, não sei se o mundo poderia resistir. No entanto, gostaria de sugerir que há pelo menos dois tipos de medo: o que nos paralisa, nos estanca, e aquele medo que nos põe em alerta, que nos desperta. Aqui permitam-me uma bela referência a uma imagem chilena que se tornou muito conhecida no Brasil. Na imagem, uma mulher muito jovem segura um cartaz no qual se lê: "Nos tiraram tanto que nos tirarão o medo". Essa fotografia circulou no Brasil em 2019 e se tornou conhecida como uma representação emblemática das ondas de protesto ocorridas naquele mesmo ano

no Chile. No entanto, no âmbito da pesquisa para esta fala, resultou interessante constatar que se trata, na verdade, de um registro de uma marcha do dia 8 de março, ocorrida em 2018. Além das distintas circulações da imagem e da difusão dessa frase, bastante conhecida na América do Sul, gostaria de realizar uma breve análise da imagem no contexto dos protestos de 2019 e de como circulou no Brasil. Havia ali uma indicação muito forte sobre o entendimento do mundo. Essa sentença e a revolta popular que estava em sua formação, seja em 2019 ou no dia 8 de março, davam a entender que o mundo estava sendo sacudido, que se estava construindo uma nova forma de ver, de compreender e, para isso, outra linguagem. Vou me deter na questão da linguagem e peço desculpas por não continuar pelo caminho da análise política atual; obviamente vocês sabem muito melhor do que eu o que ocorre no Chile. Mas experimento essa relação comum: a frase que ainda de algum modo ressoa em mim, me diz de uma maneira mais ampla, que a verdade, e portanto a segurança, é um caminho só de ida; o medo em excesso, a insegurança paralisante, é o reforço desse caminho, o freio que trava o trajeto. A falta de medo é o sinal da mudança; dessa forma, é o chamado à insegurança da construção, ao caminho por traçar. Assim fica claro que a revolta nos tira um certo tipo de medo para nos trazer outro. O que quero dizer é que nossa sociedade, para construir bases mais sólidas de liberdade e democracia, precisará antes de tudo revisar seus demônios e não vê-los apenas como afirmações negativas ou certas. Conviver com eles, com suas contradições e desvios. Construir sobre areia e vento a próxima base.

Trago o tema do medo porque neste projeto trabalho com os dois medos. Um que me impulsiona a construir uma narrativa que mostre os horrores do período, que traga à luz o que já se sabia, mas que agora conta com um arquivo cheio de

anotações que corroboram o patrocínio com armas, combustível, munições e logística por parte do governo dos Estados Unidos ao golpe cívico-militar de 1964 no Brasil. E isso é tão necessário... não quero me estender aqui, mas como brasileiro sinto que nunca fizemos uma limpeza real do período, nunca realizamos como sociedade a crítica necessária ao que vivemos, e essa é justamente a fonte do segundo medo, aquele paralisante. Porque em diversos momentos sinto que não estou falando do passado.

Sigo falando do arquivo, de sua descoberta e de uma proposta para este tipo de trabalho. Descobri esse arquivo específico por total casualidade. Uma notícia de jornal anunciava sua abertura pública. Lembro que naquele mesmo momento me pus a ler os documentos. E confesso que fiquei sobressaltado, não pela relação já conhecida há muito tempo, mas pelo *modus operandi*: os documentos demonstravam um amplo conhecimento de como levar a cabo um golpe. Chamou-me a atenção que o general Castelo Branco, primeiro ditador do período, pediu ao embaixador Gordon munições de reserva. Temiam uma guerra civil. Diante do que o embaixador enviou de imediato 132 toneladas de munição ao aeroporto de Campinas, uma cidade próxima a São Paulo. Não era só o envio; o número tão preciso, 132, porque não cem, nem 112, deixava clara a experiência do cálculo, já feito em outras ocasiões. Esse é apenas um dado trazido pelos documentos. O conjunto dessa informação trazia diversas comprovações; era explícito, por parte do governo, que havia patrocinado o golpe. Por um momento seria possível pensar que dar a conhecer o arquivo, torná-lo mais acessível, traria mais consciência sobre o período, talvez com o desejo de que não volte a ocorrer. Acontece aqui o mesmo

que ocorreu na história da fotografia. A construção de um entendimento do mundo passa pelos fatos, mas não se limita a eles.

Vou percorrer a história da fotografia e já volto ao arquivo. Se estabelecemos que a mudança do século XIX para o XX consolidou um projeto de fotografia moderna, com um amplo aspecto que relacionava o meio com a verdade, temos justamente essa crença na apresentação do fato como suficiente para gerar uma crítica a partir do que seria visto. Nesse sentido, o século XX em seu conjunto, ou ao menos até os anos 70/80, foi um alardear de fatos, uma divulgação de todas as guerras, genocídios, ditaduras. E que não me mal interpretem: não estou aqui defendendo que essas imagens não sejam importantes, são fundamentais. Mas o universo de entendimento se viu empobrecido por uma cultura dominante, que a própria cultura da fotografia ajudava a estabelecer, como uma certa sacralização da profissão, com a criação de cânones e, por fim, a relação sempre intrínseca do meio com o verdadeiro. Esse conjunto contribuiu não para a crítica, mas para uma alienação através da verdade e da imagem. Estamos falando novamente da jornada que começamos, e talvez hoje seja possível entender o meio como mensagem. Como o desejo de compartilhar uma visão, um entendimento. Nunca neutro, sempre a partir de posições que nos custarão tempo, para análise, descobertas e críticas. Nesse caminho, o arquivo aqui utilizado é também mensagem e não apenas fato. Suas interpretações, assim como seus desenvolvimentos poéticos, importam para a construção de um repertório crítico. Que não apenas ilumine o tema, mas que o analise, dialogue com certas histórias, traga a relação não só com o passado mas também com o presente e o futuro. Aqui o arquivo deverá funcionar como base para uma poética metafórica.

Para terminar esta conferência, gostaria de apontar brevemente um último tema. A relação da matéria com a fotografia. Essa relação é fundamental em todos os meus trabalhos, não só neste. A pesquisa com materiais, o desejo de entender qual matéria, seja pedra, madeira, chumbo, se relaciona, se comunica de uma maneira mais densa com o trabalho que está sendo desenvolvido: outras jornadas. Assim, o suporte tampouco é neutro. É ativo, porque altera o entendimento das imagens. Ajuda a recriar possibilidades de leitura. Além desse entendimento, já bastante debatido nas artes visuais desde ao menos os anos 70, trago a experiência do ateliê para compartilhar. Primeiro, pelo tempo de convivência com as imagens: as matérias, digamos, não convencionais, são esquivas, levam tempo, às vezes anos, só para alcançar um domínio técnico. Esse período não é só a construção técnica para o aperfeiçoamento da imagem; é, sobretudo, tempo de convivência com o projeto, no qual, ainda que não se queira, o simples fato de realizar a tarefa, olhando aquelas imagens, avaliando resultados, vai construindo uma análise mais crítica do material. Claro, o material vai comunicando, pouco a pouco, sempre leva muito tempo, mas vai deixando ver, vai dizendo, suas possibilidades, caminhos, o que é ou não possível. Nesse sentido, o autor é responsável pela manutenção do caminhar, na medida em que seja possível permanecer nele. Com suportes ativos, tentar controlar tudo seria uma frustração com hora marcada. A relação com os materiais é caminho, conduz e é conduzida, absorve, a matéria intensifica, diz, densifica o projeto, e segue percorrendo essa jornada ou se afasta dela. Assim, este projeto aqui apresentado nasceu com a impressão das correspondências do arquivo, depois sua seleção, a tentativa de interferência sobre o papel, que se mostrou um meio ótimo, com resultados imediatos, mas que, a juízo do autor, ainda

não era suficientemente pesado como o período estudado deveria ser tratado. Nesse sentido, havia, há, uma direção, um sul. Que deve ser seguida e abandonada sempre que o trabalho, o autor e a matéria indiquem outro caminho. Nesta jornada, o erro sempre é bem-vindo, difícil até assinalar o que é o equivocando. Mas é preciso tempo para que essa relação assim se dê. É necessário prorrogar a jornada. De alguma maneira, conviver, viver no tempo da matéria.